

## GEOGRAFIA DAS CORES: ENTRE O SOL E A PERCEPÇÃO

### GEOGRAPHY OF COLORS: BETWEEN THE SUN AND THE PERCEPTION

Jahan Natanael Domingos LOPES<sup>1</sup>

**Resumo:** Corresponde-se este estudo a pensar na geografia das cores a partir da percepção humana em seu desvelar existencial ao mundo geográfico. Desde os egípcios (Hórus, preceptor do sol) e, sobretudo, os gregos (Apolo, sol percipiente) é estabelecida uma discussão sobre o Sol e a Terra na relação de iluminação do mundo terreno e da percepção das cores. Disso, possibilita-se a abertura da percepção, conceito a ser articulado com a teoria das cores, com ênfase para as teorizações de Isaac Newton e de Johann Goethe. Destarte, versa-se uma discussão entre a historicidade e a geograficidade para firmar a ontologia da geografia das cores. Compreende-se, assim, a luz como fenômeno da coloração das paisagens percebidas, conduzindo, então, à formação das regiões a serem nomeadas, visando que as cores precedem as formas. Acomete-se, ainda, à diferenciação da percepção humana, concebendo uma variação de sentidos para as cores da Terra iluminada (pelo sol) e, na atualidade, da Terra luminosa (pela técnica elétrica). Desse modo, incluem-se tanto a cultura quanto a economia como responsáveis à coloração do Mundo. Com isso, contempla-se um percurso através das cores no sentido de constituição da existência geográfica.

**Palavras-chave:** Pensamento geográfico; Geografia existencial; Ontologia; Cor.

**Abstract:** This study corresponds to contemplating the geography of colors from human perception in its existential revelation to the geographical world. Since the Egyptians (Horus, preceptor of the sun) and, above all, the Greeks (Apollo, percipient sun) a discussion has been established about the Sun and the Earth in the relationship between the illumination of the earthly world and the perception of colors. This allows for the opening of perception, a concept to be connected with color theory, with an emphasis on the theories of Isaac Newton and Johann Goethe. Therefore, a discussion is presented between historicity and geographical context to establish the ontology of the geography of colors. Light is understood as the phenomenon of coloring the perceived landscapes, thus leading to the formation of regions to be named, with the idea that colors precede forms. Furthermore, there is a consideration of the differentiation of human perception, conceiving a variation of meanings for the colors of the illuminated Earth (by the sun) and, in contemporary times, the luminous Earth (through electrical technology). In this way, both culture and economy are included as responsible for the coloring of the world. Thus, a journey through colors is contemplated in the sense of constituting geographical existence.

**Keywords:** Geographical thinking; Existential geography; Ontology; Colour.

### Introdução

*Oh! Osíris! Eu sou teu filho Horus e atendo a tuas necessidades. [...] Os deuses do Leste e do Oeste repousam no seio deste Ser cujas Metamorfoses são inumeráveis. Em verdade, no momento em que nasci, no Mundo do Além nasceu uma divindade nova: era eu! Agora, com meus olhos, posso ver... Olho*

---

<sup>1</sup> Graduando na licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), jahan\_natanael@hotmail.com

*ao meu redor; existo. Minha visão é clara e penetrante. De pé, volto a apanhar o fio interrompido de minha existência...*

*(O Livro dos Mortos, 1982, p. 222)*

Há, no estudo da Terra, uma diferenciação de cores por vezes muito característica de imensas regiões: desertos em tons amarelados, calotas polares em tons esbranquiçados, florestas em tons esverdeados, cidades em tons acinzentados etc. Isso posto de modo genérico, haja vista ser, a percepção das cores, enriquecida com o aumento da escalaridade percebida. A apologia, ou seja, a linguagem solar (com Apolo, o deus grego do sol), nos diálogos da *República* de Platão (1980, p. 185), destoa na fala do filósofo ateniense: “SÓCRATES – Reconhecerás, suponho, que o sol dá aos objetos visíveis não apenas a faculdade de serem vistos, mas também a geração, o crescimento e a nutrição, embora ele mesmo não seja geração.” Em vista disso, assente-se pensar no sol como a origem ontológica das cores percebidas. Sem o sol não há percepção porque só com ele a imanência permite elevar-se: “Glauco exclamou então com vivacidade: ‘Deus do sol, que maravilhosa transcendência!’.” (PLATÃO, 1980, p. 185). A própria vida é tanto resultado do sol, pois a fotossíntese é o processo vivido pela biogeografia, com ênfase na distinção da irradiação latitudinal terrestre, como é alimento da visão em sua mais singela intimidade com as cores. Percebem-se os seres porque percebe-se o ser da irradiação do sol.

De modo a designar a noção contemporânea das cores, nota-se a distinção das ondas eletromagnéticas pela própria diferenciação das cores refletidas. Acura-se: “Podemos dividir o estudo das cores em três aspectos: percepção das cores; propriedades da luz; propriedades físicas dos objetos.” (MELLO, 2012, p. 206). Nesse passo, o olho humano possui características orgânicas capazes de olhar as cores; ademais, a luz, em sua diferencialidade no espectro luminoso, tem a alteração das cores no sentido do violeta (maior frequência) ao vermelho (menor frequência). Distinguem-se as cores ao que: “Cada valor da energia (ou frequência) dos fótons que compõem a luz incidente no nosso olho é capaz de produzir uma sensação visual a qual identificamos como uma cor bem definida.” (MELLO, 2012, p. 211). Quanto mais fótons, maior o brilho da cor percebida, sendo o espectro visível entre o infravermelho e o ultravioleta. Dessas formulações, chega-se à coloração em seu sentido mais correspondente à natureza material do que ao mundo colorido.

O ser humano é deveras íntimo das cores, admitindo uma concepção da realidade consoante à sua percepção colorida. Conforme orienta Tuan (2012, p. 45): “A sensibilidade para as cores manifesta-se em idade muito precoce. Até bebês de três meses de idade parecem

ser capazes de fazer discriminações.” Essa relação para com as cores é primordial na compreensão do mundo porque entona sentido para os entes abertos à perceptividade: “As cores, que desempenham um papel importante nas emoções humanas, podem constituir os primeiros símbolos do homem. No entanto, a relação entre uma faixa cromática e a emoção [...] revelam ser orientadas pela cultura, ou idiossincráticas.” (TUAN, 2012, p. 45). Por conseguinte, percebe-se a correlação indireta do sol com a cultura humana pelo conjunto das cores do meio ambiente.

A simbologia das cores acopla uma complexidade para com o mundo circundante e sua regionalização é tanto natural quanto cultural. Salienta-se, na prospecção sensível ontológica, uma distinção entre o mundo sensível (irradiado pelo sol) e o mundo inteligível (irradiado pela inteligência). Desse modo, em abertura existencial pela relação Terra-Sol: “O olho realiza o prodígio de abrir à alma aquilo que não é alma, o bem-aventurado domínio das coisas, e o deus destas, o sol” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 100). A percepção é partícipe da interação do sistema solar com o mais comum cotidiano, o perceber-viver-inteligir o mundo ao redor. Isso, segundo a fala astuta deste longo ateniense:

SÓCRATES – Pois então fica sabendo agora que era no sol que eu pensava como filho do bem, que o bem engendrou à sua própria imagem e que é, no mundo visível, relativamente à vista e aos objetos visíveis o que é o mundo inteligível relativamente à inteligência e aos objetos inteligíveis. (PLATÃO, 1980, p. 184).

Em outro modo, segundo o sentido existencial da geografia, correspondem ser, o sol, partícipe da concepção da Terra (ôntica, ente), enquanto a inteligência é partícipe do Mundo (ontológico, ser) (LOPES, 2021). Nesse âmbito, ambos são imbricados entre si: Terra-Mundo. As cores estão na permeação ôntica-sensível solar e ontológica-inteligível percebida; a primeira, exerce explicação natural e a segunda, explicação cultural. Além disso, numa perspectiva geoeconômica, a partir do estudo acerca das cores de embalagens alimentícias, percebe-se: “No *corpus*, a cor da embalagem também traduziu a *origem* do produto, remetendo à região geográfica em que o produto foi cultivado ou produzido, ou à região cuja tradição culinária originou sua receita. ” (PEREIRA, 2011, p. 141, destaque da autora). Portanto, os atributos naturais e os comerciais são passíveis de associação tanto de modo teórico quanto prático à guisa cotidiana. Isto é, as cores diferenciam-se, também, a partir de classificações socioeconômicas.

Na orientação geográfica, as cores exercem sentido de comunicação desde a Antiguidade Oriental: “Os babilônios aplicaram um código de cores às quatro direções: norte = preto, sul = verde, vermelho = leste, amarelo = oeste. No Israel da antiguidade, o leste também era simbolizado em vermelho e o norte em preto, enquanto o sul (verde) e o oeste (branco)” (EHRENSVÄRD, 1987, p. 128-129; apud SEEMANN, 2020, p. 32). Por influência disso, observa-se a variação cromográfica em aspectos mais que em um *a priori* regionalizável, mas também, regionalizada a partir de uma existência aberta ao mundo. Ao mais, as cores, além de orientação, admitem até uma sacralização: “Na China, o amarelo já foi a cor sagrada, e o azul – que foi sagrado entre os egípcios – de tão pouca importância para os chineses, sequer figurava entre suas cores básicas.” (CHAIBUB, 2017, p. 76). Há regiões coloridas quando percebidas coloridas e, ademais, significadas como coloridas de modo coexistencial, transpassando a intersubjetividade dos sentidos e a interobjetividade das sensações.

Região e Cor são relações dadas conforme a percepção. Aqui se define a região enquanto parte que é todo e todo que é parte, sendo: “A noção de região como parte de um todo impõe que se compreenda o que em cada momento, segundo cada cultura ou civilização, era entendido como mundo.” (LENCIONE, 1999, p. 23). O conteúdo colorido das regiões, ademais, são as paisagens, isto é: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1988, p. 21). Essas cores, ressalta-se, dão-se de modo a correlacionar o Sol e a Terra e, ao sentido existencial, quando interagidas com a percepção, provocam a possibilidade aberta de colorações. As coloridas regiões são extrapolações das paisagens em um sentido de cores.

Abriu-se a paleta, pois guia-se à espreita das questões a serem aprofundadas. A percepção das cores convoca uma concepção geográfica que será atribuída ao sentido de cromografia. Alicerçam-na Cromo (*χρῶμιον*), cor e Grafia (*γραφία*), escrita; destituindo a solitude da Gé (*γῆ*), porquanto ela ser um fenômeno do íterim solar-terreno. Não há cromogeografia, mas uma cromografia: inclusive, mais rente ao Sol do que à Terra. Disso, prospecta-se a aprofundar: “As modificações e alterações de cor transmitem sensações, reflectem as ideias, a filosofia, as modas e as tradições das culturas e das eras a que estão associadas, tal como também reflectem as mudanças sociais e económicas.” (MADEIRA, 2012, p. 37). Essa junção, tão logo, não deixa de ser geográfica, por conta da vinculação humana no interregno da vivência e da cultura em vista a cercear sentido às cores, de suas lugaridades, às suas espacialidades.

Isso posto, investigar-se devem a historicidade das cores e a geograficidade das cores para, de modo proeminente, conceber-se a constituição existencial das cores enquanto fragmentação da luz irradiada pelo sol. Nesse sentido, abre-se uma revisão de literatura em busca de compreender a ontologia que confere às cores, através da percepção, a concepção geográfica. Disso, tanto a noção ôntica do objeto físico quanto a noção ontológica da expressão cultural, devem ser consoantes ao decorrer da compreensão geográfica das cores. Dessarte, para uma geografia das cores, versa-se um percurso cromográfico, ou seja, uma base ôntico-ontológica da descrição percebida das cores, um enfoque aquém da Terra, resultante da base configurada entre o Sol e a Percepção. Nessa tríade – Terra-Percepção-Sol – de vinculação da perceptividade do mundo, concentra-se a circularidade da existência geográfica.

### **Historicidade das cores**

*Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] É janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento[...] Oh admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo?[...] O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.*

*(Da Vinci apud Chauí, 1999, p. 31)*

O sentido das cores, em sua contextualização, admite uma diversidade de movimentação nos decursos de sua percepção e teorização. Considera-se, de modo primeiro, supondo cores e sons no mundo, em acordo com “Euler, que as cores sejam pulsações (*pulsus*) do éter que se sucedem a intervalos iguais, como o são as notas do ar que vibra o som, e [...] o espírito não só mediante o sentido percebe seu efeito no estímulo do órgão, mas também mediante a reflexão o jogo regular das impressões” (KANT, 2009, p. 69). Por conseguinte, prospectam-se tanto a percepção quanto a impressão de modo distintos, a percepção enquanto condição corporal (mediante o espírito: conluio do corpo à alma) e a impressão enquanto condição do afetamento das cores em sua vinculação com as possibilidades defronte aos sujeitos.

As pulsações das cores são atributos dos próprios objetos. Há certo êxtase perante as cores, tanto de prazer quanto de dor, oriundo da própria sensação conforme a atribuição do sentido corresponde à coloridade. Poder-se-ia pensar, inclusive, no plano geoeconômico, segundo George (1973, p. 8-9): “É preciso escapar a esse quadro, e escapar significa ingressar

num novo sistema de consumo: o consumo dos lazeres no campo ou na montanha, consumo de ‘clorofilia’, consumo de cores (e arrasamento dos velhos imóveis).” Declara-se afastar do meio ambiente massificado – urbanizado – de cores opacas, para a vivacidade das cores mais confortáveis da natureza: próximas de verde e de marrom. Logo, a humanidade encontra a clorofilia em virtude dessas pulsações da Terra.

A cromografia, portanto, versa-se ao sentido existencial através da clorofilia e da clorofobia, antônimos das sensações das cores; a primeira, impressionada pela natureza e a segunda, impressionada pela civilização. Na espacialidade entre o urbano e o rural “este contato também revela insuficiente e exige uma complementação através de espaços mais exteriores, ligados à cidade pelo sistema de transportes de massa e constituindo um anexo ‘verde’ ou ‘azul’: parques, bosques, margens de rios ou orlas marítimas, lagos aproveitados etc.” (GEORGE, 1973, p. 30). Com isso, há uma escalaridade cromográfica das frequências e suas relações estabelecem-se não somente com o ser humano, em seus sentidos culturais, mas também com a natureza, em profusão do costume de causar impressões designadas. Além disso, assenta-se: “Dependendo dos lugares, as ‘reservas de clorofila’, os espaços verdes e azuis concentram-se em locais isolados, à margem dos grandes eixos de urbanização ou então constituem um cinturão verde preservado” (GEORGE, 1973, p. 90). É-se, através da compreensão da regionalidade das cores, possível cercar as reservas de clorofila para permitir situar a efetividade da preservação ambiental em continuidades e descontinuidades de natureza viva.

Em outro aprofundamento, para maior acuidade das noções da cromografia regional, instigar-se deve a teoria das cores. Tem-se, na aventura histórica da compreensão da luz, um intenso debate a ser prospectado entre o inglês Isaac Newton (1643-1727) e o alemão Johann Goethe (1749-1832). Ambos, em contextos histórico-geográficos distintos, admitiram um pensamento científico sobre as cores, formulando concepções tanto diferentes quanto complementares. O primeiro investigou a formação da cor através do objeto em uma origem natural, o segundo, através do sujeito em uma origem humana. Isto posto, imperam duas teorias das cores, do objeto ao sujeito e do sujeito ao objeto. Permite-se assentar, na circularidade das investidas teóricas, a objetividade do subjetivo com a subjetividade do objetivo.

Rente ao perpasso empirista, a força da experiência é encontrada. Logo que se adentra na concepção do autor inglês, ter-se-á encontro para com seu artigo nomeado *Sobre as cores* (NEWTON, 2017) – *Of colours*, manuscrito que completou 350 anos em 2016 – a partir das notas de relatório datadas de 1666. Os trabalhos newtonianos, acerca das cores, rebatiam a então repercutida concepção de René Descartes (1596-1650), isto é: “A teoria cartesiana, por sua vez,

[...], no qual dois tipos de cores eram descritos: as cores enfáticas ou aparentes (apresentadas no arco-íris ou produzidas com o auxílio de prismas) e as cores reais (exibidas pelos corpos quando iluminados, mas sem que tal luz as produzisse). ” (RIBEIRO, 2017, p. 2). Dessarte, referente ao texto contraposto a teoria cartesiana, baseia-se em um dos manuscritos que descreve experimentos da formulação das cores em diversos meios e, sempre, considerando a óptica para coligar o olho e a percepção. Desse modo, as cores passam a ser aparentes e reais de modo simultâneo.

A teoria das cores newtoniana é repleta de experimentos e marca uma intensa e exaustiva descrição de todos os procedimentos e seus resultados percebidos. Encartam-se, em vista de situar o sentido do encaminhar sobre as cores, alguns tópicos da visão de Newton (2017): “1. Os raios refletidos por uma folha de ouro são amarelos, mas os raios transmitidos através dela são azuis, como pode ser observado ao se segurar uma folha de ouro entre o seu olho e uma vela.” (NEWTON, 2017, p. 3); “14. As cores prismáticas são percebidas pelo olho em uma ordem contrária àquela em que incidem no papel” (NEWTON, 2017, p. 5); “62. [...] Em outras palavras, no experimento, [as cores a partir] do centro eram: verde, azul, violeta, violeta escuro, azul, verde, amarelo, vermelho como uma chama, amarelo, verde, azul, violeta profundo e preto.” (NEWTON, 2017, p. 13). Nesses excertos, situam-se desde o mais reflexivo experimento, observar uma folha comum, quanto o segundo, proveniente do olho partícipe da concepção das cores e, em terceira citação, a abertura de um leque de cores em sua ordenação diferencial.

É imprescindível atentar-se que a noção newtoniana enfoca-se, de modo delongado, aos objetos em suas correlações para com o sujeito percipiente. Com o intuito de atribuir significado humano às cores abertas pelo inglês, Kant (2009, p. 152) orienta: “Assim, a cor branca do lírio parece dispor o espírito à ideia de inocência, e a série das sete cores, do vermelho ao violeta: 1° à ideia de sublimidade, 2° à de intrepidez, 3° à de franqueza, 4° à de amabilidade, 5° à de modéstia, 6° à de firmeza, 7° à de ternura. ” Nisso, afere-se para cada cor um sentido próprio de sentimentos e relações, haja vista as cores estarem associadas à natureza humana. Do mundo, em suas aparências, as cores e os sentimentos estão correlatos ao que se compreende a inteiridade da observação, em simultâneo, afetante e afetada.

Há, ao revés, mais. Em rumo ao pensamento goetheano, outorga-se uma teoria das cores vista de modo existencial, isto é, consoante à percepção da subjetividade da luz enquanto cor. De modo geral, compreende-se neste horizonte que: “As cores são ações e paixões da luz. [...] podemos esperar delas alguma indicação sobre a luz. Na verdade, luz e cores se relacionam

perfeitamente, embora devamos pensá-las como pertencendo à natureza em seu todo: ela é inteira que assim quer se revelar ao sentido da visão” (GOETHE, 1993, p. 35). A totalidade da natureza desmancha-se em cores, sendo-as degradação perceptiva da luz. Depois disso, prospecta-se: “As pessoas em geral sentem grande prazer com a cor. O olho necessita dela tanto quanto da luz” (GOETHE, 1993, p. 128). Diferem-se cor (parcialidade ontológica) e luz (totalidade ôntica): nisso, pensam-se nas regiões em suas colorações diversas, em uma regionalidade interativa pela própria existência defronte ao meio ambiente. Concebe-se, ainda, que “a experiência nos ensina que cores distintas proporcionam estados de ânimo específicos.” (GOETHE, 1993, p. 129). A culturalidade engendra, na percepção subjetiva à intersubjetiva, os sentidos a serem vinculados aos sentimentos experienciados através das cores.

Por uma interpretação mais contemporânea ao percurso conduzido pelo alemão, atenta-se a uma abordagem existencial-experiencial de base fenomênica. Assim, observa-se que: “Não se trata mais de uma física da luz e não se trata ainda de uma lógica das cores. Talvez pudéssemos dizer – com o risco de algum anacronismo – que [...] se esboça, pela primeira vez de forma sistemática, uma fenomenologia do visível.” (PRADO JR apud POSSEBON, 2009, p. 20). Por conseguinte, permite-se tecer paralelo da compreensão das cores para com a necessária visão de mundo, em um fenômeno da consciência da luz enquanto cor, em base da Terra aberta em Mundo, regionalizada em sentido colorido pela fragmentação em um mosaico de cores percebidas como fractais – sem começo nem fim – em si mesmas. Aponta-se, inclusive, a relação do mundo vivido pelo germânico e suas interpretações: “Goethe, que criou um influente sistema de simbologia de cor, associava o verde ao nobre e o azul ao comum, relação que só era verdadeira em seu lugar e tempo, quando o azul era muito usado pela classe trabalhadora graças a pigmentos azuis baratos.” (CHAIBUB, 2017, p. 76). Percepção particular a quem apreende, aos ânimos de um ser humano e, sobretudo, em sua corporalidade defronte à luz. Destaca-se, pois, a condição de sentido atribuídos historicamente às cores.

Retoma-se o caminho geográfico de modo a assentar o corpo enquanto partícipe do fenômeno das cores, estas irradiando a natureza e aquele irradiando a percepção. Dessoante à natureza, difere-se que: “Dos mamíferos, só o homem e alguns primatas desfrutam de visão colorida. Para o touro, a bandeira vermelha é preta. Os cavalos vivem em um mundo monocromático.” (TUAN, 2012, p. 22). É, nesse sentido, que o ser humano adaptou-se enquanto espécie distinta das demais, as cores são comuns à perceptividade da maioria dos corpos, malgrado sentidas a partir de cada um à sua maneira subjetiva. Outrossim, salienta-se que: “Os raios ultravioletas são invisíveis aos olhos humanos, embora as formigas e abelhas melíferas

sejam sensíveis a eles. O homem não possui percepção direta dos raios infravermelhos, ao contrário da cascavel que tem receptores sintonizados” (TUAN, 2012, p. 22). Se por um lado há autoestima na visão humana, por outro, há limitações frente às capacidades de tantos outros seres vivos da natureza.

Com o intuito de situar a corporalidade, há diferentes modos de se enxergar o mundo e, entre as variações mais singulares, perante as cores enxergadas, tem-se o daltonismo. Nesse caso, assume-se uma área distinta de uma Cartografia Tátil aos cegos, a qual é um campo geográfico dedicado a instruir a percepção de mundo geográfico aquém do visual. Assente-se, pois, a seguinte área: “Semiologia Gráfica que fez surgir reflexões em relação à importância que as variáveis visuais possuem na criação de mapas, dando ênfase para variável visual cor, que assume signos relacionados à percepção visual do ambiente” (TONINI, 2016, p. 5). Com isso, manifestam-se horizontes que permeiam, sobretudo para a questão da produção de mapas, uma importante discussão referente à acessibilidade, ou melhor, à educação ciente da diversidade corporal dos alunos. Define-se, a expressão somática daltônica ao que: “O daltonismo ainda pode ser diferenciado quanto à ausência das células fotossensoras, o que ocasiona ao portador, uma incapacidade ou dificuldade de interpretar cores específicas.” (TONINI, 2016, p. 19). Dessarte, de ausência de cores às dificuldades de interpretação, mapas elaborados sem a compreensão dos seres percipientes são entraves à educação e, assim sendo, à cidadania.

Concebeu-se, tão logo, que as cores, enquanto pulsações da imanência às impressões, fragmentam-se conforme a luz estilhaça-se à percepção. As cores são tanto frequências diferenciais quanto convites às distintas interpretações sentimentais – como a clorofilia e a clorofobia –, atendendo à subjetividade e à intersubjetividade em uma intensa variação perceptiva dos fenômenos. Assim, vincula-se a corporalidade assentida na natureza e na percepção enquanto projeção da totalidade colorida. Entre as perspectivas acerca das cores, tanto de modos objetivo quanto subjetivo, salienta-se a complementariedade. A discussão das cores permeia tanto o objeto perante a luz quanto o sujeito perante a cor. Da luz à cor e da cor à luz tramita-se um perpasso que, geograficamente, admite a relação da natureza ao homem e do homem à natureza.

## Geograficidade das cores

*Mas aquela [análise científica] que esquecesse ou desprezasse a observação, colocando o pensamento abstrato acima de tudo, prestigiando conceitos desencarnados e palavras vazias mais do que as imagens das impressões imediatas, afastaria, em outras palavras, a arte da ciência, contestaria sua natureza e, conseqüentemente, seria apenas uma doença de ciência.*

*(Ratzel, 2011, p. 159)*

As regiões, em suas multiplicidades de cores, configuram espacialidades que, de modo percebido, convertem-se em paisagens em face aos seus conteúdos de realidade. Em abertura, contempla-se, segundo Williams (2011, p. 201), que: “O próprio conceito de paisagem implica separação e observação.” A regionalidade permite a separação, enquanto as cores versam a contemplação para a observação do que é e do que não é, isto é, adentro do olhar atento a geograficidade circundante. E continua o autor galês, “além dos escritores contemplaram com intenso interesse todas as características e movimentos do mundo natural: morros, rios, árvores, céus e estrelas. Muitos tipos de significados, filosóficos e práticos, foram extraídos dessas observações praticadas por muitas gerações.” (WILLIAMS, 2011, p. 202). Com isso, a luz abre a natureza, convida a observar o florescimento de cores que desabrocham em vinculação com os lugares respectivos aos seres a perceberem seu redor.

Revela-se, portanto, um mundo tramado na percepção terrena em devolutiva da interpretação mundana. O Mundo é um regurgito da Terra que apareceu ao homem, estando sempre cercado pelo Universo do desconhecido. Ao profissional responsável por desvelar a relação Terra-Mundo-Universo, o conhecedor da geografia, este exerce uma geograficidade ímpar, coordenada pela existencial ciência. Deve-se, ao saber geográfico, “saber olhar, e aí onde um olho não advertido vê apenas linhas e cores, ele compreende a significação profunda, o valor humano da paisagem” (MONBEIG, 1991, p. 220). As cores por si só, mesmo enquanto frequências diferenciais ao modo newtoniano, são fatos geográficos e não fatores geográficos. De maneira proeminente, firma-se que: “A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então um ‘objeto’; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido” (DARDEL, 2011, p. 33). É na participação do mundo que o homem, ou ainda, que os sábios da geografia encontram a valorização espacial em seus sentidos vividos. O espaço geográfico é colorido, ou seja, é repleto de sentidos para as variações da luz incidida por toda a esfera terrestre.

Para a percepção geográfica, as cores devem abrir seus sentidos provindos dos arranjos coloridos: “Se alguém quiser fazer essa experiência na natureza, será preciso que, andando pelo jardim, se exercite a olhar firmemente para as flores coloridas e, logo em seguida, para o caminho de areia, e assim verá a este salpicado de manchas da cor complementar.” (GOETHE, 1993, p. 89). Apenas com a experiência, em seu sentido mais existencial e cotidiano, permite-se conceber, da observação atenta, um sentido humano para com a paisagem. Define-se, nesse passo, a seguinte concepção: “Paisagem: revelação da cor, destino e vocação da luz. O evento do mundo para o homem começa pela cor: veem-se as cores, diz Goethe, antes de distinguir as formas.” (BESSE, 2014, p. 55). Depara-se, díspar de um aparecer unicamente formal, a indireta correlação solar para que a cor sentida penetre a possibilidade da forma: a cor expurga a forma. As formas dividem-se pelas cores que as pintam pela irradiação do sol.

Pensam-se, aqui, tanto em regiões naturais quanto em regiões humanas. Em predominância, as cores, em um relevo escarpado ou em uma cidade verticalizada, são dessoantes para com toda a configuração espacial. A paisagem chega às regiões, estas ao quadro e aquela ao colorido. Reconceitua-se: “A paisagem é a ordem do mundo que se faz visível.” (BESSE, 2014, p. 38). Isto posto, o mundo visível abre possibilidade ao mundo inteligível; o segundo é promovido pelo primeiro, embora circule – ou melhor, irrompe a espiralização – da percepção (Terra) à interpretação (Mundo). No entanto, o Universo instaura a nadidade necessária: “aqui é a sombra que faz ver. A luz que faz o visível não é vista nela mesma, ela deve passar pelo seu oposto, o opaco, para se mostrar sob a forma de cor, como sombra, por assim dizer, como sua ausência.” (BESSE, 2014, p. 55-56). O confronto entre o ser e o nada aparece a partir do que não aparece, a luz em suas variações: a ausência natural de preto nos polos terrestres exemplifica, de modo eficaz, o confronto das cores.

Em um breve retomar, não escapa a concepção nadológica aos gregos em suas orientações perante a percepção do mundo visível: “SÓCRATES – Sabes que quando olhamos objetos cujas cores não são iluminadas pela luz do dia, mas pelos fogos da noite, os olhos veem fracamente e parecem quase cegos, como se tivessem perdido a clareza de sua vista.” (PLATÃO, 1980, p. 184). Admite-se, nesse excerto, uma compreensão do mundo sem a facilidade da eletricidade, mas que pelo fogo já equipara-se ao eterno dia humano a partir das lâmpadas. Resta pensar, também que, salvo os momentos de dormir exigidos pelo corpo, se ainda há verdadeira noite experienciada no mundo elétrico. Com isso, salienta-se que: “Em contraste com o escuro, os corpos marcados pelo tempo, o interior das casas, a disposição dos objetos e as cores vivas demarcam uma melancolia que preenche a imagem e nos convida a

devanear sobre o que se apresenta diante e além de uma visualidade aparente.” (FERREIRA; COSTA, 2021, p. 4). O escuro e o claro, a nadinidade e a claridade, eis o conflito multiescalar: das casas com luz à noite, até o conjunto urbano regionalizado em satélites a permitirem situar a Terra luminosa durante a noite iluminada.

Ao encontro das concepções culturais das cores, corresponde abertura da percepção transpassada pela linguagem comum. Dessarte, contempla-se a materialidade em sua voluptuosa correlação para com o pensamento, assim: “Trata-se da paisagem cultural, um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza” (CORRÊA, 1995, p. 4). Como já preconizado, as cores anteveem as formas, com isso, os estilos formais e as cores espaciais dão vida ao quadro antes da própria situacionalidade da moldura enclausuradora das possibilidades. Das regiões, enquanto delimitação das cores, e as paisagens, enquanto colorações, tem-se correspondência prática como os “Cinturões verdes” (GEORGE, 1973, p. 30) ou até “As chuvas de sangue” (GEORGE, 1973, p. 39). As cores qualificam os espaços centrados na paisagem que permite a identificação e a diferenciação. As cores são indistintas às imposições da forma, mas essas são as capacitadoras de espacialidade compreensível.

Caminha-se, neste momento, para, finalmente nomeada, uma geografia das cores, uma correspondência das espacialidades para com suas cores, dispersando a luz em fragmentações percebidas e interpretadas. Tal nomenclatura de compreensão geográfica marca a dissertação educacional intitulada: “Geografia das cores: práticas pedagógicas libertárias e ecologistas em educação nos cotidianos escolares” (SILVEIRA, 2019). As cores vividas aproximam-se das relações didáticas, devido à proximidade cotidiana, sendo associadas à natureza iluminada e à humanidade significadora. O cotidiano profissional para com as cores mescla a Arte ao pintor e a Ciência ao cartógrafo, ao que: “O olhar do pintor e o olhar do cartógrafo não são então separados, mesmo que eles não se confundam.” (BESSE, 2014, p. 18). Em vista disso, alicia-se uma perspectiva interepistêmica, amalgamando distintas formas de conhecimento e, isso, para a efetivação de uma educação saudável em didática e, às vezes, até divertida.

Na concepção propriamente da ciência geográfica, as cores estão rentes às preocupações cartográficas no que tange a pensar nos mapas e, em compêndio, nos atlas produzidos enquanto linguagem própria. Subsequentemente, tem-se um *modus operandi* seguindo que “é possível inserir noções das convenções da linguagem cartográfica, produzindo mapas simples relacionados com seu espaço vivido. Referências de localização, pontos cardeais, divisões e

contornos de mapas políticos, sistemas de cores e legenda podem ser iniciados.” (FERRETTI, 2014, p. 275). Dessa ampliação das justaposições de sentidos para a geografia técnica, imputa-se o sistema de coloração contíguo ao modo artístico de pintar, em vista de normatização, o sentido aos mapas produzidos. Além disso, o “Espaços de cores” (RODRIGUES, 2018, p. 65) alude ao modo geral de uma visão da geograficidade colorida em sentidos e experiências estéticas perante o vigor das obras, incluindo um mapa como obra de arte, em suas cores: até mesmo os monocromáticos.

Em uma perspectiva das espacialidades, em suas percepções clorofílica e clorofóbica, aglutina-se, de modo palpável, ou melhor, visível, ou ainda melhor, percebível, o mundo em sua mais tenra realidade. Nesse passo, exemplifica-se com pesar: “nós, civilizados, vimos levantar-se diante de nós o espectro horrível da fome. [...] Os quadros mais sombrios, nos quais estávamos inclinados a não encontrar senão na literatura, retomaram, a nossos olhos, cor e realidade.” (SORRE, 2003, p. 367). O mundo transpassa nossas retinas, mesmo as do cego, e percebe-se na pele o claro e o escuro, alusões ao bem e ao mal, o que é claro e evidente e o que é opaco e obscuro. Pelas cores, a ética delinea as formas e as disformidades do mundo dado. São mais que espaços de cores inocentes, são cores tanto de flores a desabrocharem-se quanto de sangue a escorrer de homicídios em ambientes violentos. Nesse passo, contempla-se à perceptividade com a qual:

pode-se dizer que a simbologia da cor nos povos primitivos nasceu de analogias representativas, para só depois, por desdobramentos comparativos atingir um nível de relativa independência, que corresponde a estágios mais elevados de subjetividade. O vermelho lembrando o fogo e o sangue, poderá também representar a força que o faz jorrar, o terror, ou a morte e, por sua reminiscência, o luto. (PEDROSA, 1995, p. 99).

Atenta-se, inclusive, a pensar nas cores em sua concepção de conhecimento de mundo na infância para com as primeiras percepções de uma vida, salientando a ligação entre o mundo sendo vivenciado: “A impressão da beleza precede o sentido de classificação e de ordem: a arte vem antes da ciência. A criança fica muito feliz em ter em suas mãos um objeto luminoso, de cor vivaz, com som nítido.” (RECLUS apud SPOSITO; SOBREIRA, 2017, p. 185). As aberturas artísticas e cartográficas unem-se de modo inequívoco; cada objeto conhecido é uma centelha de espacialidade, dada das cores às formas, da arte à ciência. As impressões das pulsações espaciais, dadas em diferencialidades de coloração, aportam o mundo existencial para o mundo vivido, isto é, da existência para o desvelar da essência.

O sistema de cores, que incute a espacialidade, verifica um verdadeiro sistema de significados em uma ordenação de sentidos. A existência e a coloração são interpenetrações da percepção, isto é, esta encontra-se entre o percipiente e o percebido. Perpetra-se a culturalidade fundamentada: “A cor é um artefato cultural presente em toda história da humanidade. O homem produzia suas tintas com pigmentos naturais para representar seu cotidiano nas paredes das cavernas; entre caçadas, rituais e pinturas corporais, sua relação com o uso da cor foi crescendo” (FERREIRA, 2017, p. 924). Desse modo, a cor e a historicidade humana averiguam um sentido próprio de abertura da natureza enquanto espacialidade com a qual o corpo e a consciência defrontam-se em seu desvelar no planeta.

Rumo ao pensamento cultural, toma-se a contemporaneidade em um horizonte informacional em redes globais, salientando uma padronização das cores, um vício em compulsões coloridas ou, mais além, de alta luminosidade: de “dia” e de “noite” (sentido pouco distinto em lugares de alta densidade elétrica). Por conseguinte, critica-se que “a análise das imagens difundidas pela televisão (representação) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural ‘fabrica’ durante essas horas e com essas imagens.” (CERTEAU, 1998, p. 39). Dessa orientação apelativa para um sentido alienativo das cores, configuram-se imagens prontas, enclausurando cores em um paradigma, uma simplificação da realidade: dos corpos, das percepções, das culturas e das naturezas. Excede-se de luminosidade o mundo compulsivo de cores e a geograficidade iluminada pelo sol, na atualidade, é alumiada pelo próprio homem em seus focos mercadológicos.

Nesse sentido, as cores são a humanidade significando o mundo iluminado pelo sol que, através das formas formadas, estruturam imagens regionais: cidades, desertos, florestas, parques, rodovias, cataratas, desfiladeiros... as paisagens pós-cedem as colorações regionais, recebem palavras toponímicas que dão unidade de cores ao que a luz impactava, em totalidade, o homem imbuído na relação Terra-Sol. A cultura humana é partícipe dos sentidos das cores geográficas em sua orientação ao objeto percebido em frequências e, também, em relação ao sujeito percipiente de significados intersubjetivos. A arte irrompe o trabalho cartográfico, tal como o trabalho cartográfico irrompe a arte. Da infância ao existir coletivo, decorre-se serem, as cores, vinculadas das tradições à economia, entranham-se em todas as facetas humanas e naturais, imbricando o homem e a natureza em suas impressões originárias da Terra iluminada para a Terra luminosa.

### **Considerações finais**

Com o intuito de desvelar a geografia das cores, em outros termos, a espacialidade que compete à coloração, versou-se uma discussão acerca da percepção geográfica. Dessarte, entrama-se a correlação entre o Sol e a Terra para a possibilidade de luz irrompendo as cores. É-se descrita pelos egípcios – pelo olho de Hórus – e, sobretudo, pelos gregos – pela deificação personificada do sol como Apolo –, a magnificência do sol perante o apelo à percepção geográfica do mundo terreno. O sol espria a luz pelo mundo humano enquanto sentido orientado através de cores, constituindo as regiões que, em sua internalidade de formas, arquitetam as paisagens com seus nomes. É a percepção uma trama de relações interobjetivas e intersubjetivas, cujos aumentos da escala e da singularidade perceptiva, diversifica crescentemente as noções entre as colorações das paisagens e suas delimitações regionais.

Adentro da teoria das cores, consta uma complexificada trama de horizontes discutidos, entre os mais famosos há a visão de Isaac Newton, focando-se no objeto e na luz, e a de Johann Goethe, focando-se no sujeito e na cor. Isto é, o primeiro embasa-se no objeto como refletidor em distintas frequências da luz para promover as diferentes cores possíveis enquanto o segundo encontra-se uma concepção do sujeito cultural em sua significação das cores que aparecem, a ele, como um clamor da natureza. Do inglês, versa-se uma mecanização de dominação da natureza, enquanto do alemão, advoga-se da natureza a totalidade da luz fragmentada à percepção enquanto cores significadas e, após, uma delimitação de formas. O sentido das cores é humano, sendo partícipe de toda sua historicidade e geograficidade e definindo-se em uma geografia das cores cuja ontologia é circular entre o sujeito e o objeto articulando paisagens coloridas que fundamentam regiões de cores.

No caminho da trilha humana em seu desvelar historiográfico, observa-se, nas cores, uma passagem diante de seu corpo e de sua consciência. O corpo percebe a luz em suas particularidades aparentes, porém, mediante as corporalidades diversas, diferenciam-se sentimentos para as cores vinculadas, por exemplo, a paisagem natural como tanto clorofílicas quanto clorofóbicas. Preconiza-se, também, a Terra luminosa pelo sol no preâmbulo da perceptividade humana para a atualidade do mundo da Terra iluminada devido às técnicas economizadas. O dia e a noite são discussões cada vez mais indistinguíveis ao mundo circuntécnico e tornam-se, não raro, sinônimos aos lugares densos de eletricidade. Ademais, imputa-se, inclusive, a Cartografia como Arte através das cores, desde as impressões de uma

criança em seu desenvolvimento às impressões culturais, fortificando um sentido equânime de relações entre a existência geográfica e a coloração do mundo.

Os percursos construídos até aqui sugerem tramas de pensamentos condizentes com a humanidade em seu sentido geoexistencial, perspectivando que a existência colore o colorir. Desse modo, salienta-se uma ciência artística, em fundamento existencial, transbordando as formas e as críticas contra suas clausuras herméticas. Resta, apenas, o convite àqueles interessados em uma compreensão ampla do mundo geográfico, ou seja, orientando-se neste caso, com a percepção, os sentidos da existência, defender a abertura para novos trilhares. Não basta uma geografia de pautas sociais sem contribuir, também, com as pautas humanas. Assim, espera-se que haja mais cor nas discussões e nas predicções do tão estimado conhecimento geográfico.

## Referências

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAIBUB, Thiago. A experiência e o ensino da cor: apontamentos teóricos e práticos. **TCC** (Licenciatura em Artes Plásticas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

CORRÊA, Roberto. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-22, 1995.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

EHRENSVÄRD, Ulla. *Color in cartography: a historical survey*. *In*: WOODWARD, David (Org.). **Art and cartography: six historical essays**. Chicago: University of Chicago Press, p. 123- 146, 1987.

FERREIRA, Cristiane. A cor como artefato cultural no processo educativo. SIIPACV – I Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura visual. *In*: **Anais** [...] Dispositivos y Artefactos. Narrativas y Mediaciones, Montevideo, 2017.

FERREIRA, Marcos; COSTA, Otávio. Arte-geografia: o lugar como poética da imagem em Serrinha luz e cores. **GEOUSP**, v. 25, n. 2, p. 1-17, 2021.

FERRETTI, Orlando. A representação do espaço geográfico na educação básica. **Pesquisar** – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2014.

GEORGE, Pierre. **O meio ambiente**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

GOETHE, Johann. **Doutrina das Cores**. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade de julgar**. São Paulo: Ícone, 2009.

LENCIONE, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Ed. USP, 1999.

LOPES, Jahan. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia (Rio Claro. Online)**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021.

MADEIRA, Luis. Tratamento de Cor em Pós-Produção Televisiva: O Caso da Produtora de Conteúdos SP Televisão. **Dissertação** (Mestrado em Audiovisual e Multimédia) – Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2012.

MELLO, Vera. Explicando o fenômeno das cores. *In*: MELLO, Vera; MELLO, Luiz. **Instrumentação para o Ensino de Física IV**. São Cristóvão: CESAD, p. 205-228, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

MONBEIG, Pierre. *Leçon inaugurale 6 novembre 1952: Conservatoire National des Arts et Métiers*. *In*: DROULERS, Martine; THÉRY, Hervé (Org.). **Pierre Monbeig, un géographe pionnier**. Éditions de l'IHEAL, n. 55. Paris: CREDAL, p. 219-225, 1991.

NEWTON, Isaac. Sobre as cores. Tradução de Jair Lúcio Padros Ribeiro. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 39, n. 4, p. 1-18, 2017.

O LIVRO DOS MORTOS. **Livro dos Mortos do antigo Egito**: o primeiro livro da humanidade. São Paulo: Hemus, 1982.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editora, 1995.

PEREIRA, Carla. A cor como espelho da sociedade e da cultura: um estudo do sistema cromático do design de embalagens de alimentos. **Tese** (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, FAU-USP, 2011.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Hemus, 1980.

POSSEBON, Ennio. A teoria das cores de Goethe hoje. **Tese** (doutorado em Design e Arquitetura) – Universidade de São Paulo, FAU-USP, 2009.

RATZEL, Friedrich. Sobre a interpretação da natureza [Über Naturschilderung]. **GEOgraphia**, v. 12, n. 23, p. 157-176, 2011.

RIBEIRO, Jair. “Sobre as cores” de Isaac Newton – uma tradução comentada. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 39, n. 4, p. 1-18, 2017.

RODRIGUES, Jean. Espaços de cores: experiências e sentidos em Vicent Van Gogh. **Geograficidade**, v. 8, n. 2, 2018.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEEMANN, Jörn. Menino é azul e água no mapa também: cartografia, cores, convenções e cultura. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 23-44, 2020.

SILVEIRA, Roberto. Geografia das cores: práticas pedagógicas libertárias e ecologistas em educação nos cotidianos escolares. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação) — Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SORRE, Max. Geopolítica da fome: economia e humanismo. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 367-371, 2003.

SPOSITO, Eliseu; SOBREIRA, Antonio. Élisée Reclus: educação e natureza. **Geografia (Rio Claro)**, v. 42, n. 2, p. 165-190, 2017.

TONINI, André. A expressão da cor: o mapa e o daltonismo. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Artigo recebido em 01-08-2022

Artigo aceito para publicação em 22-02-2024